

Salvador celebra representante da dança afro-brasileira

♦ Escola da Funceb homenageia Augusto Omolú, morto em junho, durante Encontro das Culturas Negras

Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

Salvador vive momentos importantes para a cultura brasileira. Primeiro, sedia o movimento Dançando as Nossas Matrizes, ini-

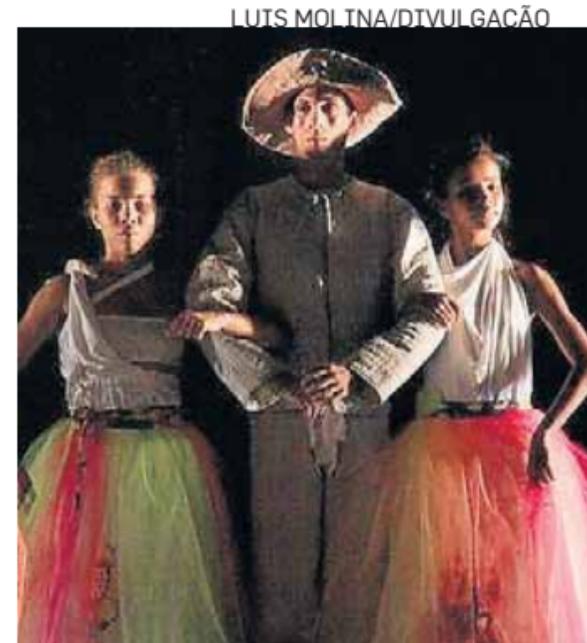
ciado em 2011, que se tornou um coletivo forte e atuante. E hoje, às 20h, no Teatro Castro Alves, a Escola de Dança da Funceb faz uma homenagem a Augusto Omolú.

O evento integra a programação do Encontro das Culturas Negras e tem entrada gratuita. No dia 2 de junho, Omolú foi assassinado em Lauro de Freitas, às vésperas de se tornar assessor artístico de Jorge Vermelho, atual diretor do Balé Teatro Castro Alves.

A história de Omolú se cruza com a da dança afro-brasileira na

cidade e a ela soma o seu carisma de artista e educador, sempre engajado na luta contra a exclusão e a violência. Em 1976, começa a estudar com Mestre King no Balé Folclórico do Sesc. Dois anos depois vai para o Viva Bahia e, em 1979, chega à escola do Balé Teatro Castro Alves e encontra o balé. Tornou-se professor e coreógrafo do Balé Folclórico da Bahia.

Em 1993, passou a colaborar com o International School of Theatre Anthropology de Eugênio Barba e, nos quase 20 anos



Legado. Omolú ajudou na coreografia de 'Sertania'

de convívio em Holstebro, cidade do Odin Teatret, na Dinamarca, atuou nas suas criações e em produções do grupo. De lá, espalhou o seu Seminário sobre a Dança dos Orixás pela Europa e pelos EUA. Em 2009, volta à Bahia, para a escola que havia ajudado a fundar.

Cultura Afro-Brasileira. Revitalizando a atenção em torno da dança brasileira, da qual Augusto Omolú foi um expressivo representante, o coletivo Dançan-

do as Nossas Matrizes vem realizando encontros, preocupado com o que sucedeu nos dez anos de existência da Lei 10639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História da Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. Maria Leda Ornelas, que assina a direção de palco da homenagem a Omolú, diz: “Estamos nos dedicando a desenrolar os equívocos que têm cercado a dança afro-brasileira. Por mais que bebêssemos dos gestuais dos orixás e do toque do tambor, o cuidado de preparar um corpo implica em recriar isso artisticamente, o que não se resolve trazendo o terreiro para as práticas”.